



GT 07 – Direito à Cidade, Cultura e Memória: Reparação e Reconhecimento na Política Urbana Contemporânea - a Cidade como um Bem Comum

PATRIMÔNIO DA PERIFERIA: METODOLOGIAS DE ESTUDO DA AFETIVIDADE URBANA NO BAIRRO GRANJA PORTUGAL EM FORTALEZA, CEARÁ

Gabrielle Maciel da Silva¹
Lara Araujo de Sousa Lima²

1. INTRODUÇÃO

Historicamente, os investimentos em preservação patrimonial nas cidades brasileiras têm se concentrado quase exclusivamente nos marcos arquitetônicos ligados às elites, como grandes teatros, palacetes, igrejas e edifícios antigos localizados nos centros urbanos. Essa lógica institucional de tombamento, como aponta Mariza Peirano (2003)³, está ligada à ideia de um “patrimônio monumental e intocável”, que reforça uma visão oficial da história e ignora os processos cotidianos de produção de memória vivida pelas populações subalternizadas. Com isso, há um sistemático apagamento dos patrimônios presentes nas periferias urbanas, que se expressam de forma diversa: em espaços físicos, em manifestações culturais e, sobretudo, nas memórias afetivas que os moradores constroem sobre o território. Assim, é urgente ampliar o entendimento de patrimônio para além dos limites institucionais, reconhecendo também o valor simbólico, afetivo, cotidiano e político dos bens culturais periféricos como parte essencial da identidade urbana brasileira.

A cidade, enquanto espaço construído por múltiplas camadas de tempo, conflito e vivência, abriga diferentes formas de memória, algumas consagradas e preservadas pelas políticas públicas, outras mantidas apenas pela oralidade, pelo afeto e pela resistência. Essa memória marginalizada, expressa por comunidades periféricas, carrega um tipo de patrimônio que escapa às categorias tradicionais. Um patrimônio informal criado pelos laços com espaços de convivência, como a casa da avó, a escola do bairro, a feira, a calçada onde se

¹ Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Membro do Canto - Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo da UFC. E-mail: gabriellemaciel@arquitetura.ufc.br

² Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Membro do Canto - Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo da UFC e do ArqPET - Programa de Educação Tutorial do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFC. E-mail: lara.lima@arquitetura.ufc.br.

³ PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia: o desafio de uma antropologia indisciplinada**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003. Disponível em: https://nau.paginas.ufsc.br/files/2010/09/Peirano_a-favor-da-etnografia.pdf. Acesso em: 06 jul. 2025.



conversa com vizinhos e amigos, que compõem profundamente a construção subjetiva e histórica do território, da consciência e do afeto de cada cidadão que nele vive.

2. CONTEXTO HISTÓRICO URBANO DO BAIRRO

O bairro Granja Portugal faz parte da Secretaria Executiva da Regional V e está localizado na Zona Oeste da cidade de Fortaleza. Segundo levantamento realizado pelo Iplanfor (Instituto de Planejamento de Fortaleza) e outras instituições⁴, o bairro foi loteado a partir da compra da Fazenda Bom Jardim pela família Gentil, no ano de 1962, tendo crescido e se desenvolvido a partir das margens do Rio Maranguapinho. Atualmente, a Granja Portugal conta com equipamentos públicos como postos de saúde, escolas municipais e estaduais, um Centro de Referência de Assistência Social e duas Areninhas, além da Praça da Juventude, reinaugurada em 2015 pelo então prefeito Roberto Cláudio⁵. Segundo moradores, as escolas mais antigas do bairro são a Escola Municipal Creusa do Carmo Rocha e a EMEIF Conceição Mourão, ambas localizadas na rua Duas Nações. A Padaria do Português, de acordo com moradores, fundada em 1984, foi um dos locais mais emblemáticos da Granja Portugal. Reconhecida pelo atendimento 24 horas por dia, a padaria encerrou suas atividades durante a pandemia de COVID-19. Para muitos, a padaria era o coração do bairro, por esse motivo o fechamento desse espaço tradicional e a sua substituição pela construção de um supermercado, de uma grande franquia, simbolizaram uma transformação profunda na dinâmica social e afetiva do bairro, sendo um dos motivos que impulsionaram o estudo apresentado neste trabalho. Dessa maneira, é perceptível que a Granja Portugal, bem como outros diversos bairros periféricos de Fortaleza, tem história e patrimônio ricos, extensos e pouco documentados em meios oficiais, sendo mantido vivo principalmente nas mentes, nos corações e no contar de histórias de seus moradores.

3. SOBRE O PROJETO

Nessa perspectiva que se insere o projeto *Patrimônio e Arte – Afetividade no Bairro Granja Portugal*, que propõe um deslocamento do olhar patrimonial para as margens da

⁴ 121 BAIRROS DE FORTALEZA. **Granja Portugal**. Disponível em: <https://bairros.fortaleza.ce.gov.br/assets/files/pdf/79.pdf>. Acesso em: 6 jul. 2025.

⁵ OPOVO. **Nova Praça da Juventude é inaugurada no bairro Granja Portugal**. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2014/09/nova-praca-da-juventude-e-inaugurada-no-bairro-granja-portugal.html>. Acesso em: 6 jul. 2025.



cidade de Fortaleza. O bairro Granja Portugal, local de estudo, já citado, do projeto, ainda em andamento, é um território periférico marcado por vulnerabilidades sociais históricas e pelo distanciamento físico e político em relação ao centro da cidade. Como contextualizado, é um bairro onde a juventude convive com poucos equipamentos culturais formais, como teatros, museus e centros de formação, mas onde se produzem intensamente formas alternativas e populares de patrimônio, arte e resistência. Dessa maneira, o projeto busca valorizar essa produção de sentido a partir da experiência local, construindo um inventário cultural não institucionalizado, mas legitimado pela vivência urbana dos próprios moradores.

3.1 Metodologias Participativas

A proposta do projeto, atualmente sendo estudado e aplicado por membros do Canto - Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo da UFC (Universidade Federal do Ceará), se ancora em metodologias participativas que não apenas envolvem os sujeitos como fonte de dados, mas os reconhecem como produtores de conhecimento, cultura e memória. De acordo com Paulo Freire (1996)⁶, “não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes”, e é nesse encontro entre escuta, diálogo e validação das experiências que se constrói uma prática verdadeiramente emancipadora. Além disso, Brandão (2006)⁷ reforça que a metodologia participativa é uma forma de “desconstruir o olhar colonial que impõe verdades externas sobre as comunidades”, permitindo que elas mesmas nomeiem o que é importante, o que é memória e o que deve ser preservado. Assim, é nessa direção que se estruturam as duas práticas metodológicas centrais do projeto: o mapeamento afetivo e o desenho de observação imerso no território.

O mapeamento afetivo é desenvolvido como uma etapa preliminar e sensível de escuta e reconhecimento do território a partir da perspectiva dos próprios jovens. Trata-se de um momento em que as crianças e adolescentes marcam, rabiscam e indicam em mapas os lugares que fazem parte do seu cotidiano: onde moram, onde estudam, onde compram lanche, onde frequentam a igreja ou terreiro, onde brincam ou se reúnem com os amigos. Esses espaços, aparentemente banais ou informais, ganham um valor simbólico potente ao serem nomeados pelos próprios sujeitos. A partir desses percursos e lugares vividos é

⁶ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em: <https://acervo.paulofreire.org/handle/7891/3159>. Acesso em: 06 jul. 2025.

⁷ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é método participativo**. São Paulo: Brasiliense, 2006.



possível identificar os patrimônios afetivos que compõem o tecido urbano do bairro. Esse levantamento, para além de técnico, é também político e emocional: ao reconhecer esses espaços como parte de um patrimônio legítimo, o projeto confronta a hierarquia que silencia as memórias periféricas nas políticas culturais oficiais.

A segunda etapa, de desenho de observação, aprofunda essa relação com o território ao estimular um olhar mais atento e sensível sobre os elementos materiais e simbólicos da comunidade, sendo usado como ferramenta de investigação e afeto. Por meio de oficinas conduzidas com apoio de estudantes da UFC que cursaram a disciplina de desenho de observação, os jovens serão incentivados a caminhar pelo bairro e desenhar locais que tenham significado para suas histórias, buscando não uma representação técnica ou idealizada, mas sim a subjetividade do olhar e a valorização da memória individual e coletiva. Ao mesmo tempo em que aprendem conceitos do desenho de observação, os jovens se apropriam da cidade como espaço de criação e de pertencimento.

3.2 Objetivos e Resultados Esperados

O projeto, atualmente em fase inicial de aplicação, está sendo desenvolvido com escolas do bairro de estudo e moradores já conhecidos pelos estudantes. Para os próximos meses, estão previstas a aplicação das oficinas de mapas afetivos e das aulas de desenho experienciando o território, a sistematização dos dados coletados e a consolidação dos produtos, sendo esses: um inventário completo do patrimônio cultural e histórico do bairro; um acervo digital público, georreferenciado e acessível; um folder reunindo as artes e relatos dos participantes; uma exposição dos desenhos no Instituto de Arquitetura e Urbanismo da UFC (IAUD-UFC); e um documentário. Todos esses elementos compõem uma proposta que busca democratizar o acesso à memória, rompendo com os limites da institucionalidade e ampliando os horizontes da preservação e documentação cultural.

Assim, mais do que representar o bairro, o projeto o escuta, o interpreta e o valoriza. A arquitetura local, os espaços públicos e cotidianos, as fachadas, os gestos, os rituais e os caminhos ganham centralidade estética e política, sendo reinterpretados pelos próprios moradores. O projeto reconhece que o direito à cidade inclui também o direito à memória, e que essa memória deve ser plural, descentralizada e sensível às territorialidades diversas que compõem o espaço urbano. Ao valorizar metodologias que envolvem escuta, afeto e produção simbólica, a iniciativa se alinha à defesa de uma estética urbana insurgente e coletiva, que emerge da vivência e da sensibilidade dos sujeitos periféricos.



REFERÊNCIAS

121 BAIRROS DE FORTALEZA. **Granja Portugal**. Disponível em: <https://bairros.fortaleza.ce.gov.br/assets/files/pdf/79.pdf>. Acesso em: 6 jul. 2025.

BOMFIM, Zulmira M. Araújo. **Mapas afetivos: da experiência urbana ao planejamento participativo**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2010. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/74811/3/2023_liv_zacbomfim.pdf. Acesso em: 06 jul. 2025.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é método participativo**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em: <https://acervo.paulofreire.org/handle/7891/3159>. Acesso em: 06 jul. 2025.

LIMA, Andersson de Castro. **Estima de Lugar e Território: Construção de Mapas Afetivos de Moradores do Timbó em Maracanaú-CE**. 2019. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2019. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/55634>. Acesso em: 06 jul. 2025.

OPOVO. **Nova Praça da Juventude é inaugurada no bairro Granja Portugal**. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2014/09/nova-praca-da-juventude-e-inaugurada-no-bairro-granja-portugal.html>. Acesso em: 6 jul. 2025.

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia: o desafio de uma antropologia indisciplinada**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003. Disponível em: https://nau.paginas.ufsc.br/files/2010/09/Peirano_a-favor-da-etnografia.pdf. Acesso em: 06 jul. 2025.